



ENTRE CORPOS, ANCESTRALIDADE E EDUCAÇÃO: PRÁTICAS CORPORAIS DE MATRIZ AFRICANA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

BETWEEN BODIES, ANCESTRALITY AND EDUCATION: AFRICAN-ROOTED BODILY PRACTICES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ENTRE CUERPOS, ANCESTRALIDAD Y EDUCACIÓN: PRÁCTICAS CORPORALES DE RAÍZ AFRICANA EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

Ronaldo Ulisses Vieira • Yara Aparecida Couto

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a compreensão do corpo e da ancestralidade nas matrizes africanas, explorando suas implicações para a Educação Física escolar. Nessa perspectiva, analisamos o corpo como um arquivo vivo de memórias, cosmologias e práticas, confrontando a visão ocidental cartesiana. Aborda a corporalidade africana como território de presença, disputa e produção de saberes, destacando como as práticas corporais de matriz africana — incluindo danças e ritos — constituem pedagogias ancestrais que mediam tempo, território, memória e presente. O trabalho enfatiza o entrelaçamento desses elementos em diversos contextos educativos e territoriais, ressaltando a relevância dessas perspectivas para a valorização da cultura afro-brasileira e para o desenvolvimento de uma Educação Física antirracista e inclusiva, apresentando, ainda, os resultados de uma intervenção pedagógica que utilizou um recurso educacional em formato de jogo de tabuleiro.

Palavras-chave: Ancestralidade; Corpo; Dança; Educação Física Escolar; Matriz Africana.

Abstract

This article proposes a reflection on the understanding of the body and ancestry within African matrices, exploring their implications for school Physical Education. From this perspective, we analyze the body as a living archive of memories, cosmologies, and practices, challenging the Western Cartesian view of the body. The study approaches African corporeality as a territory of presence, resistance, and knowledge production, highlighting how African-rooted bodily practices—including dances and rituals—constitute ancestral pedagogies that mediate time, territory, memory, and the present. It emphasizes the interconnectedness of these elements across diverse educational and territorial contexts, underscoring their relevance for valuing Afro-Brazilian culture and fostering an anti-racist and inclusive approach to Physical Education. Furthermore, it presents the results of a pedagogical intervention that employed an educational board game as a teaching resource.

Keywords: Ancestrality; Body; Dance; School Physical Education; African-Rooted Bodily Practices.

Resumen

El presente artículo propone una reflexión sobre la comprensión del cuerpo y la ancestralidad en las matrices africanas, explorando sus implicaciones para la Educación Física escolar. Desde esta perspectiva, analizamos el cuerpo como un archivo vivo de memorias, cosmologías y prácticas, cuestionando la visión cartesiana occidental. Asimismo, aborda la corporalidad africana como un territorio de presencia, resistencia y producción de conocimientos, destacando cómo las prácticas corporales de raíz africana —incluidas las danzas y los rituales— constituyen pedagogías ancestrales que articulan el tiempo, el territorio, la memoria y el presente. El trabajo enfatiza la interrelación de estos elementos en diversos contextos educativos y territoriales, subrayando la relevancia de estas perspectivas para la valorización de la cultura afrobrasileña y para el desarrollo de una Educación Física antirracista e inclusiva. Además, presenta los resultados de una intervención pedagógica que utilizó un recurso educativo en formato de juego de mesa.

Palabras clave: Ancestralidad; Cuerpo; Danza; Educación Física Escolar; Prácticas Corporales de Raíz Africana.





INTRODUÇÃO

O corpo, enquanto primeira e última fronteira da existência humana, configura-se como um arquivo vivo no qual se inscrevem memórias, cosmologias e práticas que atravessam temporalidades, territorialidades e subjetividades. Conforme Oliveira (2005), a concepção do corpo como um arquivo vivo é central, sendo o repositório e o vetor de saberes ancestrais. Ao refletir sobre a centralidade do corpo na constituição da experiência, compreendo-o não apenas como suporte biológico, mas como espaço vivo de inscrição de sentidos. Nessa direção, o autor indica ainda que o corpo ultrapassa a ideia de memória estática, sendo expressão de uma trajetória que carrega em si marcas de anterioridade e ancestralidade, revelando-se como um contínuo em movimento. Complementarmente, afirma ainda que o corpo pode ser entendido como chão e território, isto é, como base fundamental onde a existência se ancora e se produz, articulando dimensões materiais e simbólicas. Sendo assim, a ancestralidade se apresenta como uma temporalidade não linear, difusa, atravessada por múltiplas camadas e dobras, enquanto a memória constitui uma tessitura de experiências que conformam a própria vida. Assim, o corpo emerge como um campo dinâmico de saberes e vivências, no qual se entrelaçam história, cultura e existência (Oliveira, 2005).

Essa compreensão desloca o corpo de uma perspectiva estritamente biológica ou funcional para reconhecê-lo como território de memória, ancestralidade e produção de conhecimentos. Nessa direção, as práticas corporais de matriz africana assumem um papel central na Educação Física ao possibilitarem experiências formativas em que corpo, cultura, dança, identidade e pertencimento se entrelaçam, ampliando as formas de compreender e viver o conhecimento corporal.

Nesse horizonte, torna-se fundamental compreender a dança como manifestação estética, mas, é ainda primordial compreender a dança como linguagem ancestral que organiza saberes, experiências e modos de existência. Nas práticas corporais de matriz africana, a dança se constitui como espaço de inscrição da memória coletiva, articulando corpo, ritmo, território e pertencimento em uma lógica relacional e comunitária.

Sob esse viés, o corpo não apenas executa movimentos, mas produz conhecimento por meio do gesto e da experiência sensível, sendo compreendido como “referência central da aprendizagem, território de memória e espiritualidade, produzindo saberes por meio do gesto, do ritmo, da dança e da experiência sensível” (Vieira, 2026, p. 42).





Assim, a circularidade, expressa nas rodas, nos rituais e nas práticas coletivas, não se apresenta apenas como forma organizacional, mas como princípio epistemológico que sustenta modos de ensinar e aprender, tensionando perspectivas individualizantes e fragmentadas do corpo na Educação Física escolar.

Mediante o exposto, o presente artigo, que surge do estudo de Vieira (2026), aprofunda a compreensão desses conceitos no contexto das práticas corporais, danças e da Educação Física. Ancorada na Pretagogia (Silva, 2013; Petit, 2015) como referencial teórico-metodológico, a pesquisa compreendeu o quilombo não apenas como um marco histórico de resistência, mas como um princípio educativo que orientou experiências fundamentadas na oralidade, na ancestralidade, na circularidade, na coletividade e na corporeidade, dimensões que atravessaram toda a proposta investigativa.

A Pretagogia, enquanto referencial teórico-metodológico, fundamenta-se nos valores da cosmovisão africana, tais como ancestralidade, oralidade, corporeidade e territorialidade, compreendendo o corpo como fonte espiritual e produtor de saberes. Nessa perspectiva, o conhecimento não se dissocia da experiência vivida, sendo construído na relação entre corpo, cultura e coletividade, o que amplia as possibilidades de compreensão das práticas corporais no contexto escolar (Silva, 2013; Petit, 2015; Vieira, 2026).

Como desdobramento da investigação supracitada (Vieira, 2026), foi elaborado o *e-book* (livreto digital) *Caminhos de Axé: uma jornada pelas tradições afro-brasileiras*, concebido como recurso pedagógico para subsidiar o trabalho docente com as práticas corporais de matriz africana na Educação Física escolar. Estruturado a partir da unidade didática *Rotas de Ancestralidade*, o material articula jogos, danças, lutas, musicalidades e demais manifestações afro-brasileiras como experiências educativas capazes de mobilizar memória, identidade, pertencimento e valorização dos saberes ancestrais.

Buscamos, assim, contribuir para o entrelaçamento entre corpos, danças e educações em diversos territórios e contextos, com ênfase na Educação Física e sua interlocução com outros campos de conhecimento. Ao compreender o corpo como arquivo vivo da ancestralidade, este estudo reafirma a potência das práticas corporais de matriz africana enquanto experiências que entrelaçam corpos, danças e educações, contribuindo para ampliar o debate sobre outras epistemologias na Educação Física e para fortalecer práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade cultural, a justiça curricular e a valorização dos saberes afro-brasileiros.





O CORPO COMO ARQUIVO VIVO DA ANCESTRALIDADE

Nas matrizes africanas, a compreensão de fenômenos como o corpo e a existência transcende a mera figuração literária ou a metáfora poética, instituindo-se, de fato, como um fundamento ontológico que estrutura e organiza modos singulares de ser, agir e interagir com o mundo (Oliveira, 2005; Climaco, 2022). Nessa condição, a cultura africana desenvolve uma cosmovisão particular, compreendida a partir de três princípios basilares: a diversidade, a integração e a ancestralidade (Oliveira, 2005). Tais elementos não operam de forma fragmentada, mas se entrelaçam para edificar uma compreensão de mundo na qual cada parte contribui para o todo e o todo se reflete em cada parte (Morin, 2001).

A “Filosofia da Ancestralidade”, em particular, emerge como uma “Filosofia da Terra” (Oliveira, 2005, p. 239), indicando que o conhecimento e a própria existência estão enraizados em um fundamento ancestral. Este enraizamento confere à cosmologia africana um caráter imanente e dinâmico, onde o saber não é abstrato, mas intrinsecamente ligado à vivência e à experiência concreta do ser no mundo. Sabino e Lody (2011, p. 109) corroboram essa perspectiva ao afirmarem que “o corpo em espaço sagrado de matriz africana integra-se aos diferentes ambientes sociais, como o do poder, e às muitas funções do terreiro”. Para os autores, o corpo é sinalizado por elementos visuais e gestuais que se tornam formas importantes de comunicação e compreensão entre o corpo individual e o corpo coletivo.

Em contraposição à tradição cartesiana, sustentada pela cisão entre corpo e mente, e às perspectivas ocidentais que historicamente reduzem o corpo à condição de máquina, instrumento ou objeto de controle, o corpo africano afirma-se como território de presença, disputa, memória e produção de saberes. Essa concepção tensiona diretamente a lógica ocidental que, conforme analisa Oliveira (2005), toma o cadáver como objeto privilegiado de investigação médica e concebe o movimento corporal a partir de uma racionalidade técnico-funcional, relegando a segundo plano os saberes ancestrais, as experiências sensíveis e as dimensões culturais que permeiam o corpo. Nessa compreensão, o autor detalha que o corpo não se limita a existir no espaço e no tempo; ele os antecede como princípio originário, configurando-se como a condição que torna possível o movimento, sustenta a estrutura mítica e atualiza as múltiplas possibilidades da existência.

A complexidade do corpo é enfatizada em Oliveira (2005) que, ao defini-lo como o mínimo, enquanto entidade biológica, e o máximo, enquanto experiência cultural, e ao afirmar que o corpo é imanência e é a condição da experiência, ressalta sua natureza multifacetada e central para a



compreensão da existência. Ele é um conceito que, como conceito, pretende ser universal e como realidade se efetiva na singularidade de cada existência. Nesse sentido, Daolio (1995, p. 26) explica que:

O corpo humano não é um dado puramente biológico sobre o qual a cultura impinge especificidades. O corpo é fruto da interação natureza/cultura. Conceber o corpo como meramente biológico – explícita ou implicitamente – como natural e, consequentemente, entender a natureza do homem como anterior ou pré-requisito da cultura.

Sob essa perspectiva epistemológica, o corpo é entendido como uma realidade material e simbólica, configurando-se como o núcleo da vida comunitária, onde ancestralidade, espiritualidade, experiências e história se entrecruzam. Enquanto expressão integral da existência humana, reúne em si os ciclos da vida, articulando nascimento e morte, o plano visível e o invisível, assim como as dimensões individual e coletiva (Oliveira, 2005). Em diversos povos africanos, essa concepção implica reconhecer que os corpos guardam, para além do vivido, também o que foi legado; neles repousa a ancestralidade como fluxo contínuo que atravessa os sujeitos, produzindo sentidos, orientações éticas e marcos identitários que se atualizam no gesto, no rito, no jogo e na luta. Essa perspectiva é enriquecida por Oliveira (2005, p. 249), que descreve a ancestralidade como “um tecido produzido no tear africano” onde “os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência” e onde a sabedoria é compreendida como “fruto de uma experiência coletiva e é tributária de uma cosmovisão” (Oliveira, 2005, p. 279).

Desse modo, o corpo torna-se arquivo, mais que arquivo, arquivo vivo: pulsante, responsivo, produtor de mundos e capaz de ressignificar tensões históricas. Oliveira (2005, p. 147) sugere que “o corpo é um texto aberto para a leitura de quem o vê”. Articuladamente, o autor defende que “um corpo que se constrói sobre o legado da sabedoria ancestral, que graças à ginga e à consciência corporal em termos de ancestralidade, afirma-se como algo absolutamente novo e antigo, capaz de re-inventar a si e a seu mundo” (Oliveira, 2005, p. 147), ou seja, corpos que resistem não são apenas corpos que sobrevivem, mas são corpos que reinventam a si mesmos e ao mundo, que carregam e atualizam memórias e que produzem conhecimento em movimento.

Nesse sentido, a dança assume papel central, pois materializa, no gesto e no ritmo, a ancestralidade em movimento. Ao dançar, o corpo atualiza saberes que não se restringem ao plano cognitivo, mas se constituem na relação com o território, com os ancestrais e com a coletividade, evidenciando que o conhecimento se produz na experiência corporal compartilhada.



As práticas dançantes, especialmente aquelas organizadas em roda, configuram-se como espaços de aprendizagem coletiva, nos quais o corpo aprende, ensina e reinscreve a ancestralidade no tempo presente, reafirmando a dimensão pedagógica da dança nas culturas de matriz africana.

Nessa mesma direção, Sabino e Lody (2011) evidenciam que a roda se configura como princípio organizador das danças tradicionais, constituindo-se como uma forma ancestral que articula sujeitos, narrativas e sentidos. Para os autores, mais do que uma disposição espacial, a roda expressa uma lógica circular que atravessa diferentes dimensões da vida, refletindo modos de existir e de se relacionar com o mundo. Nesse movimento contínuo, a roda favorece a construção de vínculos e experiências coletivas, instaurando um espaço de encontro, escuta e integração, no qual o corpo participa ativamente da produção de sentidos. Assim, ao dançar em roda, atualizam-se saberes, memórias e dimensões simbólicas que conferem à prática um caráter formativo e iniciático, aproximando os sujeitos do universo cultural e sagrado da dança (Sabino; Lody, 2011).

Essa capacidade de reinvenção é crucial, especialmente quando o corpo é compreendido como um veículo de expressão de opressão, que constrói no indivíduo diversos sentimentos contraditórios como rejeição, negação, sofrimento, dor, aceitação, resistência, mas também felicidade (Rodrigues, 2012). Oliveira (2005, p. 125) ainda complementa:

O corpo é diverso desde sua constituição biológica quanto em seus múltiplos significados culturais. É integração posto que é a condição de qualquer relação; é a base da interação dos seres e da interação entre eles. É ancestral, pois o corpo é uma anterioridade. O corpo ao mesmo tempo é a ancestralidade como é por ela regido. Ancestralidade é tradição, e não se pode entender o corpo sem tradição uma vez que esta é um baluarte de signos e, dessa forma, a produtora da semiótica que significa os corpos.

E reitera que:

Como o corpo é um texto dinâmico e a tradição de matriz africana um dinâmico movimento, é no movimento do corpo que vislumbro a possibilidade de uma leitura do mundo a partir da matriz africana, o que implica em decodificar uma filosofia que se movimenta no corpo e um corpo que se movimenta como cultura (Oliveira, 2005, p. 125).

O corpo, portanto, não é meramente biológico, mas “é já uma linguagem unificada entre o biológico e o cultural” (Oliveira, 2005, p. 128), um território sensível que exige mediação ética para não reproduzir o sofrimento. Em sua essência, Oliveira (2005, p. 318) define:

Antes de mais, o corpo é chão. Mais que território da experiência, o corpo é o território da cultura. É nele que se movimenta o tempo da ancestralidade (Corpo Ancestral) e dele emerge uma Ética do Corpo. O corpo é uma singularidade e uma estrutura ao mesmo tempo. Aqui o corpo não é pensado. Tudo é pensado através do corpo. Há uma filosofia do corpo por assim dizer. Uma filosofia que por ser corpo comporta-se como ética.



Ainda sobre a profunda conexão do corpo com a ancestralidade, Oliveira (2005, p. 249) descreve: “A ancestralidade é o movimento da cultura. [...] na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido está a verticalidade do tempo”. E complementa: “A ancestralidade é uma categoria de relação no que vale o princípio de coletividade pois não há ancestralidade sem alteridade” (Oliveira, 2005, p. 258), enfatizando que a ancestralidade é uma categoria de conjunto e jamais individual, unificando a comunidade. A dança de matriz africana, nesse contexto, torna-se um “ponto comum entre todos os ritos de iniciação ou de transmissão do saber tradicional”, atuando como uma linguagem pedagógica que comunica um saber essencial às gerações (Sodré, 1988, p. 124).

PRÁTICAS CORPORAIS DE MATRIZ AFRICANA: CULTURA, RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO

As práticas corporais de matriz africana evidenciam essa lógica ao recusarem a dicotomia entre forma e função. Essa perspectiva é reforçada pela capoeira angola, que “não privilegia o cognitivo e não ratifica uma cultura que produz” (Oliveira, 2005, p. 207) e, pela ginga, “recupera o elo perdido entre o humano e o animal” (Oliveira, 2005, p. 209). Por conseguinte, lutas, jogos e danças não se limitam a expressões estéticas, mas constituem cosmopolíticas do movimento, modos de existir e de relacionar-se com o coletivo e com o sagrado.

Nessa conjuntura, as danças circulares assumem papel fundamental, pois organizam o coletivo em movimento e instauram uma lógica de aprendizagem baseada na escuta, na repetição e na partilha. A roda, enquanto configuração espacial e simbólica, promove a horizontalidade das relações e possibilita que todos participem ativamente da experiência, reforçando a dimensão comunitária do aprender.

Como destaca Couto (2022), a dança constitui um espaço de mediação no qual corpo e espiritualidade se conectam, tornando-se uma experiência de totalidade. Ao dançar, o sujeito não apenas se movimenta, mas se reconhece, se conecta e se constitui em relação com o outro e com o coletivo.

Ainda nessa direção, Sabino e Lody (2011) reafirmam a circularidade como princípio estruturante das danças tradicionais, evidenciando que a roda organiza ritmos, gestos e relações, ativando memórias e produzindo um sentido de continuidade. Para os autores, é no movimento circular, que vai do olhar aos giros, que o corpo vivencia a integração e a unidade, construindo experiências coletivas marcadas pela fraternidade. Assim, a roda não apenas reúne, mas sustenta uma dinâmica contínua de



partilha e pertencimento, na qual o corpo, em movimento, atualiza sentidos e vínculos (Sabino; Lody, 2011).

A capoeira angola, supracitada, por exemplo, é um “jogo de sedução onde a ética é uma estética, já que os seus movimentos estéticos congregam forte sentido ético” (Oliveira, 2005, p. 198), evidenciando que as práticas corporais são, de fato, formas de conhecimento e sabedoria.

As danças circulares, os jogos e os rituais que marcam passagens e celebrações articulam-se como pedagogias ancestrais nas quais o corpo opera como mediador entre tempo e território, entre memória e presente. Nessa ótica, Oliveira (2005) destaca que, em práticas como a capoeira, o jongo e as religiões de matriz africana, manifesta-se um movimento de construção do corpo enquanto produção contínua de si, no qual o corpo negro reverbera como corpo-saber. Em diálogo com o exposto, Reis (2021, p. 161) aborda que, a partir da “Pedagogia das Encruzilhadas”, no decorrer da tematização, as significações produzidas pelas (os) estudantes contribuem para a ressignificação do ser, ao fortalecer a criação de territorialidades, a valorização de saberes e a afirmação de identidades.

A proposta sobre a Dança Circular Sagrada reforça a centralidade do corpo na educação, ao destacar a importância da corporificação, das sensações e das ações para a organização do comportamento pessoal.

Para a autora,

O corpo é o espaço de mediação do dançarino; e a dança faz essa conexão, na qual corpo e alma participam, tornando-se uma relação, uma totalidade. Nesse sentido, tomamos essa motivação de reconhecer que os símbolos atuam sobre nosso corpo, sobre nós mesmos. Simbolicamente, o corpo é o nosso templo, do qual, durante a dança, buscamos nos apropriar inteiramente (Couto, 2022, p. 101).

Nessa continuidade, Sabino e Lody (2011) evidenciam que a circularidade das danças em roda estabelece um elo profundo com o sagrado, sustentado por um imaginário de permanência e continuidade que marca o próprio ato de dançar. Nesse movimento, a roda não apenas organiza a coreografia, mas possibilita a comunicação de memórias ancestrais, mitos fundadores e dimensões simbólicas que atravessam a experiência corporal. Assim, a dança legitima o sagrado ao mesmo tempo em que o atualiza, sendo também expressão de uma estética ritualizada, na qual o domínio do “pé de dança” revela conhecimento, habilidade e pertencimento às tradições incorporadas no corpo.

Sabino e Lody (2011) também enfatizam que os cumprimentos corporais em rituais de matriz africana são compreendidos como ações coreográficas, inseridos em um universo estético e de



religiosidade, reforçando a ideia do corpo como meio expressivo e de comunicação, e que “todos vivem essas experiências de expressão do corpo: crianças, jovens, adultos e idosos” (Sabino; Lody, 2011, p. 110).

Nos deslocamentos forçados da diáspora africana, essas práticas corporais sobreviveram à violência colonial e aos processos sistemáticos de desumanização, reconfigurando-se em contextos adversos e atualizando saberes que resistiram ao controle disciplinador. Sob essa ótica, Oliveira (2005, p. 193) evidencia que: “As estratégias de sobrevivência transformaram a dor em arte e a saudade em criação”, enquanto Neira (2007, p. 198) apud Reis (2021, p. 154) aborda que a capoeira, utilizada com “flexibilidade improvisadora e resistência aos métodos de ensino e treinamento positivistas, não é só uma manifestação lúdica, é também a forma de focar a vida”. Assim, cada gesto, seja o que luta, dança ou joga, constitui-se também como gesto político, como afirmação de existência e como forma de resistência.

A corporalidade africana, ao afirmar-se enquanto potência criadora, desafia leituras hegemônicas produzidas pela modernidade ocidental, que historicamente relegou corpos negros à condição de força de trabalho, mercadoria ou ameaça. À luz do exposto, Oliveira (2005, p. 15) argumenta que é preciso “filosofar desde o corpo e reconhecer que o corpo é filosofia encarnada e cultura em movimento”. Controlado, disciplinado e racializado, o corpo negro foi transformado em campo estratégico tanto de opressão quanto de insurgência. No Brasil, as práticas corporais afro-diaspóricas não apenas preservam memórias ancestrais, mas instauram modos alternativos de habitar o mundo, constituindo-se como matrizes epistemológicas capazes de tensionar e reelaborar os regimes de poder e saber que tentaram silenciá-las (Oliveira, 2005; Silva, 2013; Petit, 2015; Reis, 2021).

As práticas corporais de matriz africana sobreviveram, apesar das proibições legais, da perseguição policial e dos discursos higienistas que marcaram a história da Educação Física no Brasil. Resistiram porque guardam, em seu cerne, um princípio estruturante: a ancestralidade como eixo de organização do movimento. Oliveira (2005) argumenta que a ancestralidade impulsiona a dinâmica cultural ao entrelaçar o espaço e o tempo, constituindo uma dimensão relacional que depende estritamente da coletividade e da alteridade. A cada *agô*, a cada canto de ladainha, a cada toque no tambor ou no berimbau, reafirma-se que o corpo negro é território político e espiritual que não se submete ao apagamento (Oliveira, 2005; Petit, 2015; Sabino; Lody, 2011).

Compreender o corpo como território, portanto, implica reconhecê-lo como espaço de inscrição de conflitos, potências e memórias. Território é chão, mas também é lugar simbólico de pertencimento. Como defende Oliveira (2005, p. 124), o corpo é território da beleza e solo da ontologia,



sendo um “lugar privilegiado do entre-lugar, pois é ele que habita o entre-lugar em qualquer lugar que se esteja. Nada há que não seja um corpo. O corpo, portanto, é já uma metafísica, uma lógica, uma moral e uma ética” (Oliveira, 2005, p. 130).

Nas práticas corporais de matriz africana, vida e morte não se apresentam como instâncias opostas, mas como dimensões complementares. A morte não encerra: transforma; e a vida não é apenas biológica, mas relacional. O corpo, portanto, integra ritmos que atravessam o ciclo de nascer, crescer, morrer e renascer, não somente no sentido literal, mas também no simbólico (Oliveira, 2005, p. 127).

É nesse entrelaçamento, corpo, ancestralidade e resistência, que se inscreve a proposta desta investigação. Olhar para o corpo africano e afro-diaspórico no campo da Educação Física implica reconhecer que, ali onde a modernidade ocidental buscou instaurar ausência, floresceu presença; onde tentou impor silêncio, emergiu ritmo; onde visou ao controle, expandiu-se potência (Oliveira, 2005; Reis, 2021; Silva, 2013; Petit, 2015; Climaco, 2022). O próprio Oliveira (2005, p. 46) narra experiências com a “unção com óleo de copaíba, o silêncio absoluto, a partilha da melancia, o ato de esculpir 'escudos africanos' nos paredões de areia...”, ilustrando rituais que expressam essa conexão com o corpo, a natureza e a ancestralidade.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS E O RECURSO EDUCACIONAL

A unidade didática *Rotas de Ancestralidade* desenvolvida no estudo de Vieira (2026) demonstrou que as práticas corporais de matriz africana, quando trabalhadas com intencionalidade pedagógica, promovem uma compreensão aprofundada do corpo e da ancestralidade. A unidade didática *Rotas de Ancestralidade* constituiu-se como um percurso pedagógico centrado no tema *Corpo Ancestral em Movimento*, no qual as práticas corporais de matriz africana, danças, jogos e lutas, foram articuladas como linguagens de memória, resistência e pertencimento. Organizada em três rotas interdependentes, a proposta promoveu a integração entre corpo, história, cultura e cosmovisão africana, reconhecendo o movimento como expressão simbólica e coletiva.

Na primeira rota, os (as) estudantes foram convidados(as) a compreender o corpo como território de memória, por meio de experiências que abordaram a diáspora africana, a simbologia da Abayomi, a relação com a natureza e os movimentos inspirados nos Orixás, além da vivência da resistência quilombola em práticas corporais coletivas. Na segunda rota, houve o aprofundamento das experiências corporais com a vivência de manifestações afro-brasileiras como puxada de rede, capoeira, maculelê,



danças do jongo e do samba de coco, bem como a introdução a lutas africanas, evidenciando a indissociabilidade entre dança, jogo e luta como expressões culturais de resistência e coletividade. Já na terceira rota, os (as) estudantes sistematizaram e ressignificaram as aprendizagens por meio da criação, da improvisação e da partilha coletiva, culminando em uma celebração do corpo como patrimônio cultural vivo.

De modo geral, a unidade didática favoreceu experiências em que o corpo foi reconhecido como espaço de produção de sentidos, no qual ancestralidade, cultura e identidade se manifestaram de forma integrada, evidenciando a potência pedagógica das práticas corporais afro-brasileiras no contexto da Educação Física escolar.

Os resultados da pesquisa indicaram que os (as) estudantes assimilaram as aulas como componentes legítimos da cultura afro-brasileira, reconhecendo as práticas corporais como produções culturais ricas em significados. Houve um maior engajamento nas atividades, e a noção de “quilombo” emergiu como um conceito de suma importância para o aprendizado sobre resistência, coletividade e pertencimento. A participação de grupos quilombolas e de jongo, por exemplo, contribuiu significativamente para a compreensão das dimensões históricas e sociais dessa tradição.

Essas vivências ressaltaram a dimensão relacional do movimento corporal, onde “dançar juntos é uma forma de amizade” e “na dança e no jogo todo mundo participa” (Papiro 12, Memória 13, 2025). As experiências com a dança, sobretudo em atividades organizadas em roda, evidenciaram a potência dessas práticas na construção de vínculos e na ampliação das formas de participação. Observou-se que a dança favoreceu a expressão corporal, a escuta do outro e a construção coletiva do movimento, contribuindo para que os (as) estudantes se reconhecessem como parte de um processo comum de aprendizagem e pertencimento cultural/ancestral.

Além disso, a dança possibilitou a compreensão da ancestralidade como experiência viva, não restrita ao passado, mas atualizada no corpo em movimento, reforçando sua dimensão pedagógica no contexto da Educação Física escolar. As falas dos (as) estudantes evidenciaram uma percepção do corpo não apenas como instrumento, mas como território de memória e expressão cultural, capaz de “contar história com o corpo” (Cosme – Papiro 14, Memória 16, 2025). A musicalidade foi reconhecida como um elemento que “chama o corpo pra se movimentar” (Benedito – Papiro 12, Memória 13, 2025), e a ancestralidade foi compreendida como memória viva, herança cultural e experiência histórica compartilhada, manifestando-se no reconhecimento de que “a cultura africana está em todo lugar”



(Cosme – Papiro 12, Memória 13, 2025) e “aprender sobre a África é aprender sobre nós mesmos” (Kalunga – Papiro 12, Memória 13, 2025).

Como desdobramento da pesquisa, foi desenvolvido o e-book *Caminhos de Axé: uma jornada pelas tradições afro-brasileiras* (Vieira; Couto, 2026), concebido a partir da unidade didática *Rotas de Ancestralidade* e estruturado na tríade danças, jogos e lutas de matriz africana. O recurso foi pensado como estratégia pedagógica para articular teoria e prática, promovendo experiências que integrem ludicidade, participação e reflexão crítica sobre as relações étnico-raciais no contexto escolar.

O material é composto por manual pedagógico, tabuleiro, cartas de Axé e cartas de Evento, organizados de modo a promover desafios cooperativos e reflexões sobre identidade, memória, cultura e pertencimento. Sua construção esteve diretamente vinculada às experiências vivenciadas com os (as) estudantes, sendo continuamente ajustada a partir das interações e das necessidades pedagógicas emergentes ao longo das aulas.

Nesse movimento, as próprias aulas constituíram-se como campo de experimentação e elaboração do recurso educacional, na medida em que as vivências com os (as) estudantes orientaram a idealização e a construção do jogo. As práticas desenvolvidas, especialmente aquelas organizadas em roda, evidenciaram a potência da circularidade como princípio pedagógico, o que se refletiu diretamente na estrutura do tabuleiro, concebido a partir de um percurso circular. Assim, o jogo foi sendo pensado e ajustado a partir das interações, das formas de participação e das aprendizagens emergentes, incorporando elementos observados nas experiências corporais, como a coletividade, a continuidade do movimento e a construção compartilhada de sentidos. Desse modo, o recurso educacional não se configurou como produto dissociado da prática, mas como desdobramento direto das aulas, que serviram de base concreta para sua criação e organização.

Destarte, a dança assumiu papel central, mobilizando-se como linguagem mediadora das experiências, especialmente nas atividades coletivas em roda, nas quais se evidenciaram aspectos de cooperação, escuta, participação e construção de pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou delinear a profundidade do entrelaçamento entre corpo, ancestralidade e educação no contexto das práticas corporais de matriz africana, especialmente na Educação Física escolar. A partir da análise dos conceitos de corpo como arquivo vivo da ancestralidade, como proposto por





Oliveira (2005), e da incorporação das novas perspectivas teóricas, fica evidente que essas práticas são muito mais do que simples movimentos. Elas são pedagogias que moldam a identidade, promovem a resistência cultural e oferecem uma lente única para habitar o mundo.

O recurso educacional *Caminhos de Axé: uma jornada pelas tradições afro-brasileiras* surge como uma materialização desse entendimento, oferecendo uma ferramenta prática para que educadores possam implementar essas reflexões em sala de aula. Ao integrar o jogo e as vivências nele propostas, a Educação Física se transforma em um espaço onde a memória ancestral não apenas é preservada, mas ativamente celebrada e ressignificada.

A dança, nessa condição, evidencia-se como uma das principais expressões dessas práticas, por articular corpo, memória, coletividade e ancestralidade em uma experiência sensível e compartilhada. Sua presença nas aulas de Educação Física amplia as possibilidades pedagógicas ao integrar dimensões culturais, históricas e sociais, contribuindo para a construção de uma educação mais plural, crítica e comprometida com a diversidade.

Olhar para o corpo africano e afro-diaspórico no campo da Educação Física implica reconhecer que, ali onde a modernidade ocidental buscou instaurar ausência, floresceu presença; onde tentou impor silêncio, emergiu ritmo; onde visou ao controle, expandiu-se potência (Oliveira, 2005; Reis, 2021; Silva, 2013; Petit, 2015; Climaco, 2022). Cada gesto é simultaneamente arquivo e horizonte: guarda o passado e projeta o futuro, ancora-se no chão e anuncia a travessia. É por meio desse corpo que se atualizam memórias, se ressignificam histórias e se forjam modos outros de existir e aprender, tensionando os limites das epistemologias hegemônicas e afirmando a centralidade do saber ancestral como campo legítimo de produção de conhecimento e de mundo (Daolio, 1995; Oliveira, 2005).

REFERÊNCIAS

CLIMACO, Josiane Cristina. **Cultura corporal e matrizes africanas**: proposição crítico-superadora para o ensino da dança na formação de professores de educação física. 2022. 156f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, SA, 2022.

COUTO, Yara Aparecida. **Dança circular sagrada**: cultura, arte, educação. Curitiba, PR: Appris, 2022.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física. **Movimento**, v. 2, n. 2, p. 24-28, 1995.





MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 2005. 353f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2005.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza, CE: EdUECE, 2015.

REIS, Ronaldo dos. **Educação física cultural e africanidades**: entre decolonialidades, Exu e encruzilhadas. 2021. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

RODRIGUES, Joyce Maria. A relação do corpo para a construção da identidade negra. *In*: FELINTO, Renata. (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

SABINO, Jorge; LODY, Raul Giovanni da Motta. **Danças de matriz africana**: antropologia do movimento. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia**: construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as. 2013. 242f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2013.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

VIEIRA, Ronaldo Ulisses. **Práticas corporais de matriz africana na educação física**: o corpo como arquivo vivo da ancestralidade. 2026. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SC, 2026.

VIEIRA, Ronaldo Ulisses.; COUTO, Yara Aparecida. **Caminhos de axé**: uma jornada pelas tradições afro-brasileiras. São Carlos, SP: Autor, 2026.

Ronaldo Ulisses Vieira

<https://orcid.org/0009-0007-7379-9633>

<http://lattes.cnpq.br/8815914189580133>

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

ronaldo.vieira@estudante.ufscar.br





Yara Aparecida Couto

<http://lattes.cnpq.br/2348643816717796>

<https://orcid.org/0000-0003-1851-4889>

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

yaracouto@ufscar.br

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

Autora 2: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

VIEIRA, Ronaldo Ulisses; Couto, Yara Aparecida. Entre corpos, ancestralidade e educação: práticas corporais de matriz africana na educação física escolar. **Corpoconsciência**, v. 30, e21860, p. 1-15, 2026.

<https://doi.org/10.51283/rc.30.e21860>.

Recebido em: 30/06/2026

Aprovado em: 03/08/2026

Publicado em: 06/08/2026

